

SAÚDE PÚBLICA

Congresso científico que termina hoje em Brasília chama a atenção para o mau atendimento dado às mulheres com câncer de mama no país

O inimigo das mulheres

Humberto Rezende
Da equipe do Correio

Os números são assustadores. Segundo estimativas do Instituto Nacional do Câncer (Inca), até o final deste ano, no país, 30 mil mulheres desenvolverão câncer de mama, sendo que oito mil delas morrerão vítimas da doença. Mas talvez mais assustador seja a situação das pacientes. Com exceção de uma minoria, que pode pagar por exames e tratamentos em clínicas particulares, as pacientes brasileiras enfrentam um mau atendimento — que vai da falta de apoio psicológico adequado ao número insuficiente de máquinas para fazer a mamografia (exame radiológico nos seios essencial para o diagnóstico precoce). O 5º Congresso Luso Brasileiro de Mastologia e o 1º Fórum Nacional da Cidadania em Cancerologia, que terminam hoje em Brasília, serviram para discutir e buscar novas formas de combater esse mal.

Ivanete Lima, 48 anos, não se esquece do dia em que entrou no consultório do médico que a atendia no Hospital de Base de Brasília e recebeu a notícia que sua mamografia indicava câncer no seio direito. Confirmada a doença, Ivanete tinha que escolher entre duas opções: uma quadrantectomia (operação que retira apenas parte da mama) ou uma operação radical, que retiraria todo seu seio e daria mais chances de uma cura completa. "Optei pela quadrantectomia. É difícil. Você quer a saúde, mas quer também se sentir mulher", diz.

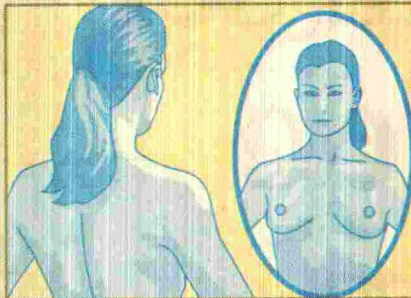
Depois da operação, em julho do ano passado, Ivanete se sentia perdida. Com o seio direito operado, desempregada, sozinha em Brasília, ela não sabia como iria viver. Foram os médicos do Hospital de Base que a aconselharam a procurar a Rede Feminina de Combate ao Câncer, Organização não-Governamental (ONG) que dá ajuda psicológica, jurídica e realiza oficinas profissionalizantes para inserir as pacientes de volta ao mercado de trabalho. "No hospital há psicólogos, mas são tantas pacientes que não conseguem atender todas direito", diz Ivanete.

"Muitas pacientes perdem o emprego, principalmente as empregadas domésticas. É comum também serem abandonadas pelo marido, que as rejeitam quando elas têm parte

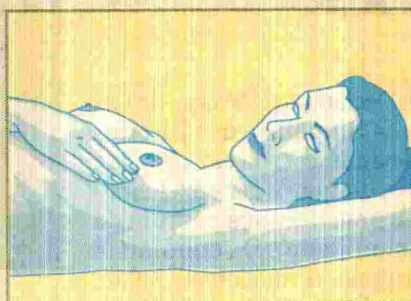
PREVENÇÃO

O auto-exame da mama deve ser realizado uma vez por mês, após a menstruação.

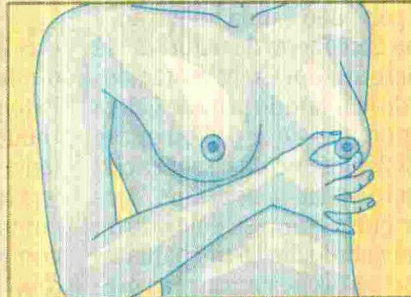
Em frente ao espelho, primeiro com os braços para baixo, depois com os braços para o alto, acima da cabeça, observe e procure inchaços, depressões da pele ou alterações no formato da mama.



Deitada, coloque a mão esquerda atrás da cabeça e com a mão direita, pressione suavemente a mama esquerda, com movimentos circulares. Comece na periferia do seio e termine no mamilo. Inverta a posição para examinar a mama direita.

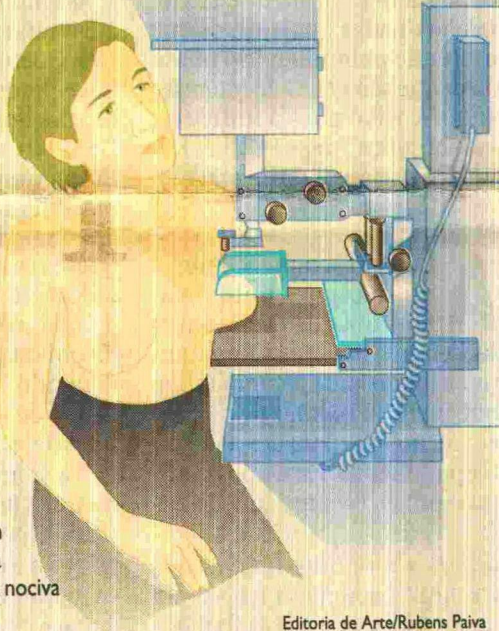


Aperte suavemente o mamilo de cada mama com os dedos polegar e indicador. O surgimento de secreção abundante ou com sangue lenta deve ser relatado ao seu médico imediatamente.



Mamografia

Também chamada de senografia ou masteografia, a mamografia é considerada por muitos especialistas o procedimento mais importante para a detecção do câncer de mama. Deve ser feita a cada dois anos por mulheres entre 35 e 50 anos. Depois dos 50, a mulher deve fazer o exame anualmente. Nas mulheres mais jovens, este exame tem menos sensibilidade e a radiação pode ser mais nociva



Editoria de Arte/Rubens Paiva

dos seios retirados", diz Maria Thereza Falcão, presidente da ONG. Com o apoio psicológico, Ivanete conseguiu restabelecer o equilíbrio. Agora começará a participar das oficinas profissionalizantes para produzir artesanato e vendê-lo em casa.

Se não fosse a ajuda da Rede Feminina Ivanete diz que talvez não tivesse condições de se recuperar. Sendo que, em Brasília, tem acesso a um dos melhores tratamentos da rede pública do país. Mulheres de vários outros estados vêm se tratar aqui,

e também recebem ajuda da ONG. Mas a maioria não tem a sorte de Ivanete.

"O atendimento às pacientes com câncer de mama é complexo porque envolve uma equipe de vários especialistas", diz o presidente do Congresso Luso Brasileiro de Cancerologia, Fernando Antônio Henriques. Todas as mulheres brasileiras que sofrem com a doença precisariam estar sendo atendidas por um mastologista, cirurgião, cirurgião plástico e psicólogo, pelo menos. Mas muitas vezes é difícil até mesmo fazer uma mamografia. Faltam aparelhos.

No Distrito Federal, são quatro mamógrafos disponíveis na rede pública. Segundo Henriques, que também é mastologista no Hospital de Base, seriam precisos mais seis aparelhos, no mínimo. O ministro da Saúde, José Serra, na abertura do congresso em Brasília, na quarta-feira, anunciou que o ministério quer mudar essa situação e anunciou a compra de mais 50 mamógrafos para todo o país. Cálculos da Sociedade Brasileira de Mastologia diz que seriam necessários 110 aparelhos.

"O Brasil é um país onde o auto-exame ainda é a maior arma", diz, lamentando, a médica Janice Magalhães. Janice sabe da importância do auto-exame, mas sabe também que com ele a mulher não tem condições de identificar a doença no estágio inicial, que daria a ela a chance de mais de 95% de cura. "Em exames de mamografia podemos identificar tumores de cinco milímetros, bem menores do que um nódulo que a mulher consiga apalpar", compara.

O presidente da Sociedade Brasileira de Cancerologia, Roberto Gomes, concorda com Janice, e diz que mais investimentos nessa área da saúde são urgentes. E mostra dados para lá de preocupantes: "No Brasil, 70% dos casos de câncer são diagnosticados na fase mais avançada. Principalmente nas classes mais pobres".

SERVIÇO

Palestra da Semana Nacional de Incentivo à Saúde mamária
Hoje às 10h30, no Centro de Convenções

O curso de inserção no mercado de trabalho da Rede Feminina de Combate ao Câncer abre uma nova turma em 6 de novembro. Inscrições e informações pelo telefone 364-5466